

A CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS E DA FORMAÇÃO DOCENTE EM INTERFACE COM A TECNOLOGIA

Maria Nerice dos Santos Pinheiro | nematu@gmail.com

Osmar Hélio Alves Araújo | osmarhelioufc@gmail.com

IDEIAS INTRODUTÓRIAS

Atualmente a proliferação dos avanços tecnológicos permeiam todos os setores da sociedade, inclusive na educação, visando contribuir para a praticidade das tarefas cotidianas e apresentam-se prósperos para o enriquecimento das práticas pedagógicas a partir dos seus recursos, dentre eles o computador, a internet e os softwares.

Estamos em um momento em que a escola é interpelada pelas mudanças trazidas ao contexto social pelas transformações tecnológicas que estão a solicitar a sua inserção nos processos ensino e aprendizagem a fim de fazer cercear do campo educativo o ensino tradicional e transpor as fronteiras da distância que separa a escola das inovações tecnológicas. Bem como, para fazer emergir um paradigma educacional a partir do qual a escola oportunize aos discentes proatividade na construção do conhecimento por meio de uma aprendizagem interativa, colaborativa e rica em recursos que possibilitem recriar a realidade.

Em interface aos recursos tecnológicos, convém perguntarmos: a escola está preparada para utilizar de forma coerente e adequada esses recursos? Seguindo a mesma linha de pensamento é oportuno acrescentarmos: há a necessidade de transformarmos a escola em uma instituição contemporânea? Como atrelar as frequentes mudanças tecnológicas a formação dos professores a fim de instrumentalizá-los para utilizar os recursos tecnológicos de forma laboriosa e eficiente no cotidiano escolar?

Entretanto, assinalamos o uso dos diferentes recursos tecnológicos no processo educativo não apenas para encorajarmos a escola à superação de uma educação fadigada influenciada pela moderidade, mas para vislumbrarmos um processo de construção de competências e habilidades que permitam ao aluno participar efetivamente da era de uma nova revolução: a do conhecimento. Contudo, o uso dos diferentes artefatos tecnológicos como ferramentas educacionais assenta a necessidade de a escola envolver-se no processo de formação contínua docente.

Dessa maneira, é importante o professor cuidar da sua formação, não permanecendo restrito à sala de aula, mas explorando o universo tecnológico e transformando-o em conhecimento a fim de corporificar uma prática pedagógica que supere as vicissitudes existentes nas escolas. Reveses estes que se fundam nos tradicionais paradigmas educacionais, embasados em procedimentos lineares, e em atividades formativas docentes não eficientes. Estruturas contrárias a um mundo carregado de todo o dinamismo da globalização .

A formação contínua do professor, na maioria das vezes, não se pauta nos saberes dos educadores e nas situações reais que emergem do chão da sala de aula, ou seja, esses profissionais ficam à margem desse processo formativo. É preciso possibilitar não apenas uma experiência formativa, onde os educadores sejam receptores de saberes que prometem transformar sua prática, mas que, muitas vezes, impede movimentos próprios, limita a criação e a discussão. A formação que não considera a realidade docente imobiliza o professor. Considerando a situação de que não estão sendo formados professores considerando as especificidades do atual contexto escolar e tecnológico, que fazem parte do cotidiano dessa nova geração, situa-se a nossa intenção neste artigo. De tornar ainda mais aguerrida a premissa de estabelecermos ‘links’ entre a tecnologia e a educação.

Propomos uma reflexão, de forma mais especial, a respeito da prática docente frente a um viés moderno e tecnológico, visto que não podemos ignorar o campo tecnológico, uma vez que vivemos num mundo repleto desses artefatos e, por isso, que cada vez mais se tornam imperativos para que o professor seja convocado constantemente a uma atualização profissional. Assim, a partir do que foi apresentado, sedimentamos a convicção de que uma reflexão acurada a respeito da aplicabilidade da tecnologia na educação faz-se necessária. Uma perspectiva interessante, a nosso ver, esteira-se na construção de uma práxis docente moderna e inovadora, como condicionante do desvelamento da escola como espaço rico e necessário de aprendizagem docente.

Pretendemos contribuir para a formação de professores que se sintam capazes de exercitar sua autonomia, de pensar e reelaborar seus próprios projetos, utilizando com frequência e eficiência os avanços tecnológicos, conscientes dos impactos na vida do ser humano, nos processos ensino e aprendizagem, de modo a aproveitar a sua eficácia para uma ação pedagógica conectada com a contemporaneidade.

MATERIALIZANDO A DISCUSSÃO

Os avanços e feitiços tecnológicos estão presentes no processo educacional com tal força que se avulta, cada vez mais, a extensão e a complexidade de diferentes ordens e matizes no processo educacional. A partir dos impactos causados pelas vertiginosas transformações tecnológicas com suas diferentes arestas, muitos dos benefícios de suas ferramentas interativas ainda não foram colocadas em uso no processo educativo em decorrência da questão da qualificação profissional insuficiente dos educadores. Parece que toda essa parafernália tecnológica ainda faz os professores emudecerem ou titubearem na hora de utilizá-los como recursos didático-pedagógicos.

Trata-se, portanto, de um uma fase com incertezas e riscos sobre os quais os professores e os demais agentes envolvidos no processo educacional devem refletir, posicionar-se de forma a pensar no que se pretende enquanto modelo de escola para a contemporaneidade, de formas de entender o mundo e viver a realidade do entorno sociocultural. Questionar-se sobre paradigmas de qualificação profissional docente que se adequam às necessidades da atualidade, visa atender aos fenômenos da era do conhecimento e da informação.

Há indícios da germinação das rutilantes transformações tecnológicas e científicas na vida social, atingindo as esferas econômicas, políticas, culturais e educacionais e engendram-se tão velozmente, que muitas vezes não dão margem para que suscitemos dúvidas ou questionamentos. Isso leva o professor a se perceber em uma encruzilhada erguida a partir de novas e velhas convicções. Desta forma, o professor segue a pisar em um terreno de areias ainda movediças com o fito de evitar dolorosas e desconcertantes contradições resultantes dos ajustes e desajustes contemporâneos. Esse universo difuso e complexo leva a sociedade a se questionar sobre a função e a importância da escola e do professor. Surge também e talvez a mais abrolhosa pergunta: será que, devido a essas grandes mudanças, a escola tornou-se obsoleta? O professor passou a ser desnecessário?

Tornou-se difícil não perceber a paisagem tecnológica popularizada ao redor da escola buscando tentar remendar ou fingir que não há uma evidente desarticulação entre a instituição, com todo seu classicismo de ampla tradição pedagógica, e o panorama dos dinâmicos e múltiplos dispositivos tecnológicos difundidos. A partir desta perspectiva, portanto, torna-se evidente que o professor precisa rever pontos importantes da sua atuação e

função educativa, incluindo a formação permanente.

Domingues (2014, p. 66), a respeito da formação contínua do professor, expõe que: “a expressão *formação contínua* será tomada como um *continuum* formativo que tem sua origem na formação inicial, compreendendo um processo que acompanha toda a vida do educador” (grifos da autora). Sendo assim, surgem novos desafios que leva o professor a se questionar a respeito de elementos eminentemente formativos, sem perder de vista o processo educacional, seu principal foco. Assim, submerso nesse cenário abstruso em ascensão, cabe ao professor não ficar alheio à atmosfera tecnológica e seus desdobramentos, mas sim absorvê-la de maneira eficaz.

Por isso, cabe perguntarmos: como o professor pode adotar um viés contemporâneo e tecnológico para a construção da sua práxis? É preciso considerarmos que não é tarefa fácil responder a esta questão de modo peremptório. As possíveis respostas talvez pareçam, por ora, insólitas por nos encontrarmos em um cenário pantanoso e contraditório. A escola em seu apogeu, mesmo no século XXI, ainda irradia ecos de solvibilidade e parece oposta ao universo tecnológico.

Ao nos referirmos à tecnologia, empregamos o mesmo sentido proposto por Sibilia (2012, p.14):

Referimo-nos, é claro, aos aparelhos móveis de comunicação e informação, tais como os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, que alargaram num abismo a fissura aberta há mais de meio século pela televisão e sua concomitante 'cultura audiovisual'.

Destacamos que iniciativas que procurarem responder e, até mesmo, resolver as evidências dessas divergências e dilemas entre o universo escolar e a cultura tecnológica sejam ainda incertas ou experimentais por abarcarem um amplo e difuso leque de transformações sociais, econômicas, culturais e morais provenientes das últimas décadas.

Houve um período no qual ser professor era exercer uma das mais diletas e egrégias profissões, mas com o decorrer dos anos, ela sofreu forte desgaste. Assim, é primordial, portanto, todos os profissionais da educação envolverem-se com a profissão de forma a reestabelecer o valor e o respeito que merece, ou pelo menos dirimir o desgaste sofrido, e, assim, assentar essa profissão no patamar merecido. Sem o reconhecimento da profissão não alcançaremos uma educação de qualidade e compatível com os desafios da sociedade contemporânea. Isso exige a materialização de um conjunto de medidas que focalizem o

aprimoramento de todos os elementos dos processos de ensino e aprendizagem e visem desdenhar as práticas pedagógicas surradas, cimentadas e, talvez, corroídas e infiltradas pelas velhas práticas do sistema escolar dos tempos remotos.

A formação contínua pode ser a matéria-prima para a revitalização da prática pedagógica na contemporaneidade, pois por meio da incorporação dos recursos midiáticos ao campo escolar, utilizando-os como ferramentas para a (re)construção da educação e para viabilizar uma compatibilidade com as notáveis e novas gerações, já tão diferentes de outrora. Sibilia (2012, p.14), compreende que:

Se há algo que não deixa dúvida, porém, é que as novas gerações falam uma língua bem diferente daquela que servia para comunicar os que se educaram tendo a escola como seu principal meio de socialização e a “cultura letrada” como seu horizonte universal, com o firme respaldo institucional do projeto moderno abrigado por cada Estado nacional (*ibidem*, p. 207).

Fica em evidência a necessidade de repensarmos a escola e a prática pedagógica pautada na forma como as novas gerações assimilam os fenômenos do panorama tecnológico que influenciam seus modos de ser. Essas mudanças profundas vêm afetando os corpos e as subjetividades dos indivíduos nos últimos tempos e permitem vislumbrar a consumação de uma metamorfose (Sibilia, *ibidem*). Tais mudanças fazem suscitar novos desafios educacionais que desembocam, ao término de todo o percurso, na necessária sedimentação de uma formação contínua docente consistente, inovadora e que vise ir além da formação inicial, insuflando no professor o desenvolvimento de atitudes, aprendizagem e reelaboração do fazer pedagógico ao decurso do seu exercício de professorar.

Quanto à formação inicial, no Brasil, há um consenso a partir de um olhar acurado no atual cenário educacional nacional do crescente número de profissionais não qualificados para a docência, mesmo após a formação acadêmica.

Pimenta (1999), sobre a formação inicial insuficiente e sem relação com a realidade escolar, expõe que este processo para os professores vem evidenciando que os cursos de formação, ao desenvolverem-se em um prisma de currículo formal está sem consonância com o contexto escolar, não conseguem fisgar as contradições da arena educativa em relação a prática escolar de educar, nem tão pouco têm contribuído no processo de gestação de uma nova identidade profissional. Esta precariedade como vem acontecendo revela que ainda não

foi possível efetivar-se, de fato, uma formação inicial e permanente eficaz e correlata com o contexto social vigente.

Compreendendo as peculiaridades da profissão docente, bem como as constantes transformações sociais e culturais da sociedade globalizada, apresentamos a proposição de um processo de formação de professores sólido, moderno e que fomente a reconstrução do fazer docente. Contudo, não estamos fazendo referência apenas à inserção do computador, dos meios de comunicação, ou ainda, da substituição de todos os recursos didáticos anteriores pelas inovações da tecnologia, mas devemos reconhecer que os avanços científicos, em suas diferentes facetas, atingem um contingente maior de brasileiros. Todavia, na maioria das vezes, os professores parecem ainda pouco preparados para a realidade tecnoinformacional.

É com âncora no movimento de preocupação com a transformação da escola em seu processo pedagógico, que explicitamos a necessidade de rever um novo modo de professorar. Cada vez mais os educadores precisam desempenhar com esmero seu papel multifacetado, de facilitador, orientador e motivador em meio a essa avalanche de informações da cultura tecnológica. O papel do professor deve ser de contribuir com o aluno na elaboração e sistematização de conceitos e ideias a partir dos conteúdos proliferados na internet, enquanto recurso útil e presente no cotidiano.

Von Staa (2008), sobre o uso da internet nos processos ensino e aprendizagem, sinaliza que a mesma reduz a necessidade de o professor transferir conteúdos, uma vez que eles estão facilmente disponíveis para serem pesquisados pelos alunos. Mas adverte que, mesmo assim, o papel do professor não diminui. Neste contexto o professor pode acompanhar a maneira como os alunos estão explorando a potencialidade da internet e construindo modelos mentais e sistemas complexos de como estão aprendendo. Entretanto, muitos professores vivem a contradição entre a formação tradicional recebida e a rapidez das mudanças sedimentadas no presente século. Tal situação faz o preceito constitucional da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDBEN (BRASIL, 1996), artigo 2º, incisos I e IX, que asseguram a igualdade de acesso e permanência do aluno na escola e a oferta de uma educação de qualidade, parecer cada vez mais distante de ser atendido.

Podemos reverter essa realidade fortalecendo a formação contínua docente no interior das escolas a partir das influências da tecnologia e da própria cultura escolar. Faz-se necessário que sua tessitura seja sustentada na articulação rigorosa entre a preparação pedagógica do professor e seu desenvolvimento profissional. Assim, os espaços escolares,

quando promovem formação contínua, deixam de ser um lugar que só aborda questões de caráter administrativo para ser um cenário de promoção do conhecimento e, por conseguinte, levando o professor a aquisição de saberes necessários para o gerenciamento das ações pedagógicas que lhe cabem.

Uma maneira sóbria e exuberante de reconstruirmos a escola é pensando com bases sólidas o campo da formação dos professores, mais precisamente da formação contínua, com o intuito de sobrepujarmos o quadro da baixa eficácia e aplicabilidade das atividades que envolvam instrumentos tecnológicos. É primordial o professor buscar atualização científica, técnica e cultural para o exercício do trabalho docente, o qual requer um esforço ininterrupto que contemple o conhecimento a respeito das inovações tecnológicas na escola.

Como já foi dito em outro instante, é preciso aceitar o impacto das novas tecnologias na sala de aula. Esses elementos permitem proficuas possibilidades de uso e aplicação no ensino, como recursos para a aprendizagem dos alunos e dos próprios professores. Portanto, precisamos considerar a opulência dos recursos tecnológicos para dinamizar as discussões em sala de aula, retomar o que não foi aprendido e impulsionar os alunos a assumirem uma posição crítica em relação ao que é veiculado pelos meios de comunicação, pois formar o cidadão hoje é promover o homem na sua integridade e consciência plena. Desse modo, é o momento de assumirmos uma preferência, de definirmos uma opção diante da educação brasileira e das contribuições da tecnologia para a transformação e potencialização da educação dos nossos educandos.

CONCLUSÃO: COMO FINALIZAR OS RUMOS DE UMA HISTÓRIA INCERTA?

Não sabemos que caminhos trilharão a relação da realidade escolar e os avanços tecnológicos, os quais não são fáceis e nem tão pouco percorridos em curto prazo, mas de certa forma se movem a toda velocidade. Assim, buscamos refletir a respeito da aplicabilidade dos infindáveis avanços tecnológicos no panorama educacional, com o foco, mormente, para a revitalização das práticas pedagógicas, com isso procurando aclarar a premente necessidade da incorporação dos diversos recursos tecnológicos dentro da sala de aula. O contexto social no qual estamos inseridos forja a nossa integração com o novo, mas ressaltamos que uma educação alicerçada no uso das tecnologias não pode restringir-se a dispor computadores para

as escolas e, muito menos, ao uso fortuito deste aparato tecnológico.

O processo de assimilação da tecnologia só será significativo se transformar expressivamente o cenário educacional vigente. Nesta perspectiva, consideramos que a partir do modo como esses artefatos tecnológicos forem utilizados poderão simplesmente legitimar o crivo feito à educação nos dias atuais, muitas vezes consideradas com práticas educativas tediosas e estagnadas, ou possibilitarão um novo modo de educar.

Por tudo isso que apresentamos, é imprescindível o professor não recear ou esperar, mas atrever-se a sair do emaranhado complexo de práticas aprendidas e reproduzidas, buscando, portanto, explorar novos recursos capazes de superar antigas amarras pedagógicas. Uma educação interativa, moderna e contemporânea é construída pela ousadia dos professores que se aventuram em trilhas desconhecidas em busca de novas formas de ensinar. Desse modo, para a consumação de uma práxis docente a partir de uma tendência moderna e inovadora, será necessário repensar o processo de formação inicial e permanente do professor. Por isso, não basta, apenas, desativar velhas práticas mediante ações marcadas pelas novas tecnologias. É necessário mudar o mais difícil: a forma de ensinar. Muitos professores continuam a conceber o ensino de forma tradicional, mas munidos com discurso contemporâneo.

Não se trata, portanto, de retomar o modelo de formação conservadora dos professores que se pautava na tendência liberal tecnicista (LIBÂNEO, 2008), com ênfase em técnicas e métodos, validada pelas leis 5.540/68 e 5.692/71(SAVIANI, 1991) do período da ditadura militar no Brasil. Este modelo era supostamente bom porque se ancorava na conhecida fórmula “3+1”, em que as disciplinas de cunho pedagógico, justapunham-se às disciplinas de conteúdo (PEREIRA, 1999). Vivemos novos tempos. Tempo onde as transformações da globalização exigem mudanças nos paradigmas da formação docente, de modo a proporcionar condições para que esse profissional atue de forma conjunta ao desenvolvimento tecnológico, que demanda, uma dinâmica pedagógica particularizada a cada situação escolar específica, requerendo adequações da cultura escolar e de seus professores.

De que se trata, então? De pensarmos novas proposições envolvendo a formação docente, uma vez que a formação dos professores deve ser *ad infinitum* e que vise ir além da formação inicial, constituindo-se com arrimo nos mais diversos modos de conceber a pesquisa, de valorização e construção da identidade docente para uma ação educativa reflexiva. O que não é fácil mediante os acentuados desafios que estão postos ao campo da formação docente desde a década de 1990, fruto das transformações ventiladas pelo ritmo

acelerado das inovações tecnológicas e, principalmente, por estar submetida a questões políticas. Com a execução do Plano Nacional de Educação-PNE (BRASIL, 2014) que estabelece o apoio técnico e financeiro voltado à melhoria da formação de professores e professoras (PNE, 2014), talvez se abra uma porta onde seja possível reescrever a história da formação de professores no Brasil.

Para alcançarmos melhoria na arena da formação contínua docente, a fim de contribuirmos com o professor para a legitimação de uma ação pedagógica consubstanciada nas inovações tecnológicas e numa ação que tenha por base a *práxis* docente, faz-se necessário mais do que a consumação dos preceitos constitucionais e políticos, pois desemboca na transformação categórica das escolas como espaços de incentivo à formação. Nada simples, mas é este o tipo de embate pelo qual, através da *ação-reflexão-ação refletida*, vale a pena lutarmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação LBD 9.394**. Brasília, 1996.

_____. Congresso Nacional. **Pano Nacional de Educação PNE**. Brasília, 2014.

DOMINGUES, Isaneide. **O Coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 2008.

PEREIRA, Júlio Emilio Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 20, n. 68, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: Do Senso Comum à Consciência Filosófica**. Campinas, SP: Cortez Editora: Autores Associados, 1991.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.